

## O valor polifônico de “ainda” no discurso

Alessandra da Silveira Bez<sup>1</sup>, Paula Dreyer Ortmann<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Faculdade de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

<sup>2</sup> Faculdade de Letras – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)

alesbez@yahoo.com, paulaortmann@hotmail.com

**Resumo.** *O presente artigo propõe um estudo sobre os diversos sentidos do advérbio “ainda” no discurso dentro da perspectiva da polifonia dos enunciados elaborada por Oswald Ducrot. Para compor este estudo, buscaram-se textos de diferentes gêneros. Através de uma breve análise dos enunciados procura-se mostrar que esse advérbio traz consigo uma pluralidade de enunciadores com status lingüísticos distintos, pois se sabe que o discurso carrega sentidos repletos de argumentações.*

**Abstract.** *The present article proposes a study about the various meanings of the adverb “yet” in the discourse within the perspective of polyphony of the sentences made by Oswald Ducrot. Texts of different genders were selected in order to elaborate this study. Through a brief analyses of the sentences, this works has the aim to show that this adverb brings with itself a plurality of enunciators with different linguistic status, because it knows that the discourse has meanings full of argumentations.*

**Palavras-chave:** advérbio ainda; polifonia; sentido; enunciadores; argumentação

### 1. Introdução

O presente trabalho<sup>1</sup> estuda a função da linguagem na construção do sentido no discurso. Para tanto, será utilizado um conceito fundamental da Teoria da Argumentação na Língua, desenvolvida por Oswald Ducrot e colaboradores: a noção de polifonia. Optou-se por essa abordagem, porque a Teoria da Argumentação na Língua, de base estruturalista e enunciativa, analisa a natureza da linguagem, ao considerar que a sua função é, antes de tudo, a de argumentar.

Por se tratar de uma concepção polifônica, essa teoria preconiza que a construção do sentido é o resultado do confronto das diferentes vozes contidas no enunciado. Dessa forma, Ducrot afirma que, ao se interpretar um discurso evidencia-se uma pluralidade de vozes distintas das do locutor.

O fenômeno da negação é um dos exemplos mais recorrentes utilizado por Ducrot, pois se pode perceber claramente a polifonia contida no enunciado, uma vez que

---

<sup>1</sup> Realizado com a orientação da Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Leci Barbisan.

permite expressar, ao mesmo tempo, duas vozes contrárias, ou seja, dois enunciadores: um positivo e outro negativo. No exemplo utilizado por Ducrot: *Pedro não veio*, pode-se evidenciar o enunciador positivo: *Pedro veio*, e o enunciador negativo, o que explicita uma recusa do ponto de vista *Pedro não veio*.

Assim, esta pesquisa pretende discutir a importância e a aplicabilidade da noção de polifonia, estendendo o estudo dessa abordagem às diferentes ocorrências do advérbio *ainda* no discurso. Essa escolha se dá em vista da diversidade de sentido produzido a partir das relações entre esse advérbio e as outras palavras do enunciado em contextos diferentes constada por Ducrot nos artigos: *Escalas Argumentativas* (DUCROT, 1973)<sup>2</sup> e *A Descrição Semântica em Lingüística* (DUCROT, 1973)<sup>3</sup>. No primeiro, o autor analisa o valor argumentativo organizando-o em uma escala de força. Já, no segundo, Ducrot traz novas ocorrências do advérbio para exemplificar a metodologia de análise da semântica sintagmática. Assim, o *corpus* será constituído por ocorrências já estudadas (em outros momentos da teoria) por Ducrot.

## 2. Perspectiva teórica: polifonia na teoria de Oswald Ducrot

Ducrot, ao defender que um enunciado possui nas suas marcas lingüísticas uma pluralidade de vozes (*O dizer e o dito, Polifonia e argumentação*), opõe-se à unicidade do sujeito falante e também a idéia de que cada enunciado possui um e somente um autor.

Essa teoria advém dos estudos lingüísticos a partir de Bakhtin e seu conceito de polifonia. Para esse filósofo russo, todo o texto literário tem várias vozes que falam de forma simultânea, sem que uma se sobreponha à outra. Ele determinou essa literatura de carnavalesca e a denomina mascarada, em que o autor assume uma série de máscaras diferentes. O pensador desenvolve sua teoria da linguagem sob o princípio de que o dialogismo é constitutivo dos processos de tomada da palavra. Trata das relações do enunciado com enunciados já constituídos, aponta para a incorporação pelo enunciador da voz ou das vozes do outro no enunciado. A língua, então, se molda através das experiências e visões de mundo do locutor e do outro, que sempre se encontram presentes na fala desse locutor, promovendo sentidos impregnados por valores ideológicos. Contrariamente, Ducrot afirma que a polifonia é fundamentada em textos, seqüência de enunciados, nunca aos enunciados de que estes textos são constituídos, por isso ela não questiona por que um enunciado faz ouvir uma única voz. Percebe-se, então, as diferenças da noção de polifonia entre o filósofo russo e o lingüista francês: enquanto aquele defende que o sentido da linguagem está no conhecimento prévio e nas experiências do autor, ou seja, no contexto extra textual, esse afirma que o sentido se constrói e está nas marcas lingüísticas apresentadas no enunciado. Dessa forma, para Ducrot, a polifonia está na língua e não fora dela.

Vê-se, então, que o sentido de um enunciado é formado pela descrição de sua enunciação, ou seja, orientações argumentativas e ilocutórias que o enunciado apresenta no seu próprio sentido, sobre o (ou os) autor (es) eventual(is) da enunciação. Percebe-se, assim, que esta descrição de enunciação é constitutiva do sentido dos enunciados. Ela

---

<sup>2</sup> Publicado no capítulo XIII do livro *Provar e Dizer* (1981).

<sup>3</sup> Publicado no capítulo III do livro *O Dizer e o Dito* (1987).

possui atribuição à enunciação de um ou vários sujeitos que seriam a sua origem. Esses sujeitos apresentam dois tipos de personagens: os enunciadores e os locutores.

Locutores não se referem a uma voz coletiva, em que os autores têm a intenção de constituir uma só pessoa moral, falante de uma única voz. Em alguns enunciados, os locutores formam a pluralidade de responsáveis distintos e irredutíveis. Locutor é alguém a quem se deve por a responsabilidade deste enunciado. As marcas de primeira pessoa estão caracterizadas nele. É importante destacar que o locutor, designado por eu, é distinto do autor empírico do enunciado, de seu produtor. Geralmente, o autor real tem pouca relação com o locutor, isto é, com o ser apresentado no enunciado, como aquele a quem se deve atribuir a responsabilidade de ocorrência no enunciado. Verifica-se, portanto, que a enunciação não contém nenhuma referência a uma pessoa que fosse seu autor, nem mesmo a pessoa a quem fosse endereçada. A enunciação é o tema do sentido, o objeto das qualificações contidas nos sentidos, não devendo ter necessariamente uma fonte e um alvo.

Nota-se, dessa forma, que o sentido do enunciado atribui à enunciação dois locutores distintos, eventualmente subordinados. Do ponto de vista empírico, a enunciação é a ação de um único sujeito falante, porém a imagem que o locutor dá dela é a de uma troca, de um diálogo, ou ainda de uma hierarquia de falas. A função do locutor e do sujeito falante é, portanto, distintas. Esse é um elemento da experiência e àquele uma ficção discursiva. Outra diferença importante para definir quem é o produtor de sentidos é a noção de locutor enquanto tal (L) e locutor enquanto ser do mundo ( $\lambda$ ). L é responsável pela enunciação, assumindo sua propriedade.  $\lambda$  é uma pessoa completa, que tem, entre outras propriedades, a de ser origem do enunciado - o que não impossibilita L e  $\lambda$ , de serem seres do discurso. L é o locutor em seu engajamento enunciativo e  $\lambda$  é ser do mundo.

Ducrot, para exemplificar, usa o verbo desejar da fórmula *Eu desejo*, em que é utilizado primeiro uma asserção de ordem psicológica e, por isso, o sujeito, o pronome eu, remete a  $\lambda$ : não é enquanto locutor que se experimenta o desejo, mas enquanto ser do mundo, e independentemente da asserção que se faz dele. Contrariamente, o ato de desejar que não existe senão na fala em que se realiza, pertence tipicamente a L: L realiza o ato de desejar afirmando que  $\lambda$  deseja. Verifica-se que os performativos explícitos apresentam asserções sobre  $\lambda$  e que elas são utilizadas para mostrar as modalidades segundo as quais a enunciação é considerada por L. Essa é a primeira forma de polifonia: a existência de dois locutores distintos em caso de dupla enunciação. Outra forma de polifonia pode ser vista a partir da noção de enunciador. Geralmente, encontra-se em um discurso a voz de alguém que não tenha as propriedades que se atribui ao locutor. Para mostrar como o papel do enunciador é essencial para a polifonia, estuda-se a ironia que pode ser definida como: diz-se A para levar a entender não-A. Para que a marca de relato desapareça na ironia, é preciso que esse discurso se sustente na própria enunciação. Para isso, o locutor L apresenta a enunciação como expressando a posição de um enunciador. O locutor L não assume a responsabilidade sob essa posição, pois ele a considera absurda. L é responsável pela enunciação, mas mesmo assim, não é assimilado a E, origem do ponto de vista expresso na enunciação. Um fator essencial à ironia é que L não coloque em cena um outro enunciador E', como faz a negação e que sustentaria o ponto de vista razoável. L deve marcar sua diferença de E recorrendo a outros fatores, como entonações particulares, por exemplo. No

exemplo *Vocês vêem, Pedro não veio me ver*, em que se assume a responsabilidade enquanto locutor e apresento-a como a expressão de um ponto de vista absurdo, de que a pessoa não é enunciador, podendo até mesmo serem vocês (é esta assimilação do enunciador ao alocutário que torna essa ironia agressiva): se faça sustentar, na presença de Pedro, que Pedro não está presente. Todavia, não é necessário que o enunciador absurdo seja assimilado a alguém precisamente. Necessita-se enfatizar que o locutor não assume nenhuma das posições expressas em seu enunciado, pois os pontos de vista não são atribuídos a ninguém, e o locutor parece exterior à situação de discurso: a distância entre si e sua fala o coloca fora de contexto.

Para desfazer o conceito de que a ironia é uma deformação da estrutura da língua, Ducrot define que a significação deve ser analisada como um conjunto de instruções para a interpretação de seus enunciados: não é necessário definir quem é o responsável pelos pontos de vista. A significação marca o lugar do enunciador ao mesmo tempo em que marca o lugar de um locutor, responsável pela enunciação, e exige que o interpretante encontre, para constituir o sentido, os indivíduos a quem imputar essas responsabilidades.

Não se contesta que a negação é um fato da língua, inscrito no enunciado, o que não se considera em relação à ironia. Para trabalhar a negação, Ducrot recorre à distinção do locutor e do enunciador. Apresenta-se um enunciado declarativo negativo *Pedro não é gentil*, como a apresentação de dois atos ilocutórios distintos. O primeiro, A1, é uma asserção positiva relativa à gentileza de Pedro, o outro, A2 é uma recusa do A1. Certamente, A1 e A2 não possuem o mesmo autor. O enunciador de A2 é assimilado ao locutor, e o de A1 a uma personagem diferente do locutor, que pode ser tanto o alocutário como um terceiro. O locutor L assume a responsabilidade do enunciado *Pedro não é gentil*, coloca um enunciador E1 que sustenta que Pedro é gentil, e um outro, E2, ao qual L é habitualmente assimilado, que se opõe a E1. A1 e A2 são, portanto, pontos de vista opostos. Nota-se, então, que a enunciação assume o choque de duas idéias antagônicas, uma positiva imputada a um enunciador E1, a outra, que é uma recusa da primeira, imputada a E2. Nota-se, dessa forma, a diferença entre a ironia e a negação. Na ironia, a recusa do enunciador absurdo é diretamente executada pelo locutor, enquanto que na negação a recusa se dá por um outro enunciador colocado em cena pelo locutor e ao qual esse se assimila.

Ducrot, na sua teoria polifônica, também apresenta as frases interrogativas e afirma que elas dão acesso a duas instruções aos ouvintes que devem construir o sentido dos enunciados dessa frase:

a) estes enunciados devem fazer aparecer um enunciador que exprime sua dúvida no que concerne à proposição sobre a qual incide a interrogação

b) quando este enunciador é assimilado ao locutor, a expressão da dúvida deve ser relida como uma pergunta, ou seja, a enunciação deve ser descrita como obrigando o alocutário a responder.

Através do valor de enunciado, duas possibilidades são possíveis considerando os atos ilocutórios ligados à enunciação. Há tanto um ato primitivo de pergunta como um ato derivado, que pode ser um ato de pedido. Essa visão defende que a lei de discurso transforma um ato primitivo do locutor em um outro ato de locutor, derivado –

fazendo o ato primitivo ser efetivamente realizado pelo locutor. Atualmente, a lei de discurso deriva o ato indireto atribuído ao locutor a partir da colocação pelo próprio locutor de um enunciador do qual se distancia; esta colocação, ligada à frase, permanece um fato incontestável.

A diferença dos atos primitivos (realizados pela assimilação do locutor e do enunciador) e dos atos derivados (que o locutor realiza por colocar em cena enunciadores expressando sua própria atitude) vai além do que se denomina ato ilocutório. Um exemplo é aquele do freguês que apresenta o gerente do restaurante sustentando, a propósito do teckel, uma posição absurda. Esse posicionamento permite ao freguês realizar um ato derivado de zombaria, do qual se beneficia enquanto locutor. O enunciado irônico, diferentemente do enunciado negativo, na medida em que não mostra nenhum enunciador ao qual o locutor possa ser assimilado, não realiza nenhum ato primitivo. Ducrot apresenta também o caso da conjunção, mas, em que *p mas q dizendo que o primeiro segmento (p) é apresentado como um argumento para uma certa conclusão (r), e o segundo para a conclusão inversa*. No exemplo, *o tempo está bom, devemos ir esquiar*, apresenta dois enunciadores sucessivos, E1 e E2, que argumentam em sentidos opostos, o locutor se assimilando a E2, e assimilando seu alocutário a E1.

O conceito de polifonia também aborda a pressuposição. No exemplo, *Pedro parou de fumar*, o locutor realiza dois atos, um de pressuposição, relativo ao pressuposto *Pedro fumava anteriormente* e outro de asserção relativo ao posto *Pedro não fuma atualmente*. Esse enunciado apresenta dois enunciadores, E1 e E2, responsáveis pelos conteúdos pressuposto e posto. O E2 é assimilado ao locutor, o que possibilita a realização de um ato de afirmação. Enquanto que o E1, aquele segundo o qual Pedro fumava anteriormente, é assimilado a uma indeterminação, a uma voz coletiva no interior da qual o locutor está localizado.

Dessa forma, no nível dos enunciadores, não há o ato de pressuposição. Entretanto, o enunciado realiza este ato, de um modo derivado, na medida em que faz ouvir uma voz coletiva denunciando os erros passados de Pedro. Por causa disso, a pressuposição entraria na categoria dos atos de zombaria e concessão.

Com esses exemplos polifônicos, Ducrot defende que a fala é dada a diferentes enunciadores, alargando a noção de ato de linguagem. Considerando a pressuposição, diferencia-se o locutor (L) e o locutor como ser do mundo ( $\lambda$ ). No caso de pressuposições, assimila-se um dos enunciadores a uma indeterminação, em que o locutor está localizado. A pressuposição, dessa forma, assume a responsabilidade de um conteúdo, não se assume a responsabilidade de asserção deste conteúdo, não se faz desta asserção o fim pretendido de sua própria fala.

Nota-se, portanto, que toda marca lingüística traz consigo uma instrução e essa é fundamental para a construção do sentido no enunciado. Ducrot, ao defender a polifonia, a define como constitutiva da linguagem, e mantenedora de um enunciador e de um argumentador que tem como função mostrar o ponto de vista do dito e do não-dito. Verifica-se, assim, que o advérbio *ainda* carrega uma diversidade de sentidos, marcando o posicionamento do locutor e seus enunciadores. Antes do exercício de análise, a seção *Metodologia* explica como os dados foram selecionados para que esse estudo fosse realizado.

### 3. Metodologia

Para ilustrar a contribuição da teoria de Oswald Ducrot à reflexão sobre o uso do advérbio *ainda*, faz-se uma breve análise de enunciados. O corpus deste estudo traz quatro exemplos do advérbio *ainda* nos trabalhos de Oswald Ducrot no livro *O dizer e o dito* (especificamente *A descrição semântica em lingüística*). Os enunciados a serem analisados apresentam a marca lingüística de polifonia, formada pelos enunciadores e argumentadores, originários dos pontos de vista do dito e do não-dito. Segue-se o exercício de análise do advérbio *ainda* e a construção de sentidos explicada pela polifonia.

### 4. Exercícios de análises

Para Ducrot (1987), um enunciado se define a partir da relação entre advérbio *ainda* e as outras palavras que o constitui produzindo, assim, uma diversidade de efeitos de sentido. Por isso, para a realização dessa pesquisa que objetiva mostrar como a noção de polifonia explica o sentido de enunciados com o *ainda*. Para esse trabalho, selecionou-se duas possibilidades de sentido constituídas no uso do *ainda*: sentido temporal e sentido comparativo.

#### 4.1 *Ainda*: sentido temporal

Para essa análise, considere o contexto, no qual **A** ao questionar se **B** já havia atendido à solicitação de **C** recebe a seguinte resposta: **Eu ainda não lhe respondi** (DUCROT, 1987, p. 47). Para esse enunciado, é possível elencar os seguintes enunciadores:

**Enunciador 1 (E1):** Eu lhe respondi

**Enunciador 2 (E2):** Eu não lhe respondi (momento presente)

**Enunciador 3 (E3):** Eu vou lhe responder (futuro)

A partir do levantamento dos enunciadores, das diferentes vozes ditas e não dita postas em cena, pode-se dizer que o locutor **B** toma três atitudes. A primeira nega **E1**, pois a negação do **E2** recusa afirmação contida no enunciado; depois, concorda com **E2** e, por último, assume **E3**. Portanto, o locutor nega a possibilidade de já ter respondido para **C**, concorda que não respondeu à **B**, mas assume que irá responder.

Percebe-se, pois, que é na atitude tomada pelo locutor frente aos enunciadores que o sentido do enunciado é construído, estabelecendo, claramente, a relação temporal. Mais detalhadamente, de acordo com a Teoria da Polifonia, o locutor ao colocar em cena enunciadores que contêm uma determinada carga temporal, sendo possível estabelecer que o passado se reflete no presente que por sua vez se projeta no futuro, porque o não-dito relaciona a ausência da resposta de **C** que no momento (presente) da enunciação (eu ainda não lhe respondi) projeta um futuro assumido pelo locutor, no qual **B** responderá à **C**.

Da mesma forma que no enunciado anterior, nesse próximo exemplo também se pode analisar questões temporais. Para tanto, considere a seguinte situação: **A**, ao constatar que uma garrafa precisa ser mais encheida do que já foi, diz para **B**: **Esta garrafa ainda está meio vazia** (DUCROT, 1987, p. 47). Observa-se os seguintes enunciadores:

**E1:** No momento presente, a garrafa está meio vazia

**E2:** No momento futuro, a garrafa estará cheia

Nesse enunciado, assim como no anterior, o locutor tem a seguinte atitude diante dos enunciadores: concorda com **E1**, mas assume **E2**. É essa postura do locutor diante dos enunciadores que possibilita a descrição do sentido, pois a argumentação é expressa num enunciado que apesar de aparentemente se prestar para descrever a quantidade de conteúdo de uma garrafa projeta uma relação com o momento futuro que evidencia a quebra da permanência.

**Esta garrafa ainda não está meio vazia** (DUCROT, 1987, p. 47).

Agora, considere uma hipotética conversa entre duas pessoas (**A** e **B**) a respeito da estatura de Pedro e de Paulo, na qual **A** ao constatar a possibilidade de Paulo superar Pedro em altura enuncia para **B**: **Pedro é ainda maior que Paulo** (DUCROT, 1987, p. 47). Verifica-se que é possível encontrar os seguintes enunciadores.

**E1:** Pedro é maior que Paulo

**E2:** Paulo pode superar Pedro em tamanho

Assim, como os enunciados anteriores, o sentido é construído através da atitude tomada pelo locutor diante dos enunciadores, que concorda com **E1** e assume **E2**. Desse modo, expressa que o locutor aceita que no momento da enunciação Pedro é maior que Paulo, porém o que ele assume é que Paulo, em um momento futuro, será maior que Pedro. O efeito de sentido que se dá na relação entre as palavras de um enunciado que contenha o *ainda*, no entanto, é importante ressaltar que o sentido do *ainda* não fica restrito à questão temporal, ao contrário existe considerável diversidade de sentido como já constatou Ducrot. Assim, passa-se a gora a analisar esse mesmo enunciado, porém pelo viés comparativo<sup>4</sup>.

#### 4.2 *Ainda*: sentido comparativo

No enunciado analisado acima, viu-se que a estrutura do enunciado relacionada com o advérbio *ainda* permite a construção de sentido temporal, porém é possível identificar outros efeitos de sentido de enunciados com o advérbio *ainda*. Para a análise do segundo efeito de sentido, retome a conversa entre **A** e **B** do enunciado anterior, porém agora **A** ao comparar o tamanho de Paulo e Pedro diz para **B**: **Pedro é ainda maior que Paulo** (DUCROT, 1987, p. 47). A compreensão dessa possibilidade está na polifonia do *ainda*, como se vê na identificação dos enunciadores abaixo.

**E1:** Paulo é grande

**E2:** Pedro é maior que Paulo

Nesse enunciado de sentido comparativo, o locutor também aceita que Paulo é ao concordar com **E1**, porém ao assumir **E2** enfatiza que Pedro é tão grande que chega a ser maior que Paulo. A mesma estrutura permite duas possibilidades de leitura, uma com sentido temporal e outra com sentido comparativo, isso evidencia a natureza da linguagem que consisti na noção de relação. Desse modo, entende-se que o sentido de

---

<sup>4</sup> O advérbio *ainda* pode, a partir da sua relação com as outras palavras do enunciado, ter outras possibilidades de sentido que serão analisadas em trabalho posterior.

uma palavra não é fechado, como se o enunciado expressasse o sentido que vem de fora concretizado no somatório de sentidos prontos e completos em si mesmo, ao contrário a linguagem se constitui na relação entre as palavras e na relação entre o locutor e os enunciadores de um enunciado. Essa concepção de linguagem é defendida por Ducrot que considera que é no momento da enunciação que ocorre a construção do sentido.

## 5. Considerações finais

Sabe-se que a proposta de análise embasada na teoria da polifonia da diversidade de sentido do advérbio *ainda* exige uma profunda revisão teórica e reflexão sobre a linguagem, o presente trabalho representa apenas uma pequena e inicial amostra das reflexões acerca do potencial polifônico de enunciados com o *ainda*. Porém, já é possível constatar que a polifonia, ou seja, a identificação da pluralidade de vozes do enunciado e a atitude que o locutor estabelece entre os enunciadores, é um fator determinante para que se desenhe a argumentação.

Percebe-se, portanto, que a marca lingüística *ainda* revela os processos de sentido que apresentam uma pluralidade de vozes nos explícitos e nos implícitos. Verificou-se que o advérbio *ainda*, ao assumir o sentido temporal e comparativo nos diferentes enunciados, mostra que o sentido é construído a partir da atitude tomada pelo locutor diante dos enunciadores. Nota-se, assim, que a polifonia é uma forma enriquecedora de perceber sentidos e de perceber os pontos de vista assumidos pelos enunciadores.

## 5. Referências

DUCROT, Oswald. A descrição semântica em lingüística .IN: *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria polifônica da enunciação. IN: *O dizer e o dito*. Trad. Eduardo Guimarães. Campinas, SP: Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. La polifonía en lingüística. IN: *Polifonia y Argumentacion*. Trad. Ana Beatriz Campo e Emma Rodriguez C. Universidad de Cali, 1988.

\_\_\_\_\_. As escalas argumentativas. IN: *Provar e dizer. Leis lógicas e argumentativas*. Trad. Maria Aparecida Barbosa, Maria de Fátima Gonçalves Moreira, Cidmar, Teodoro Pais. São Paulo, 1981.